

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MEMÓRIA DE SANTOS SIMÕES.

NEVES, António Amaro das

Ano: 2003, 2004 | Número: 113-114

Como citar este documento:

NEVES, António Amaro das, Memória de Santos Simões. *Revista de Guimarães*, 113-114 Jan.-Dez. 2003-2004, p. 13-18.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

MEMÓRIA DE SANTOS SIMÕES

António Amaro das Neves

O ano de 2004 ficou marcado, na história da Sociedade Martins Sarmento, como o ano do desaparecimento, no seu posto de trabalho, do Presidente da sua Direcção, Santos Simões, o principal obreiro do ressurgimento desta Instituição na última década do século XX.

Joaquim António dos Santos Simões nasceu no dia 12 de Agosto de 1923, na Vila de Espinhal, *aninhada na falda da serra do Espinhal, serra a que se seguem outras com o pano de fundo da de S. João. Todas elas filhas e filhotes da serra da Lousã e, a seus pés, estende-se longa planície detida ao longe pelo Monte de Vez e, a poente, um fundo azul escuro a que os poentes mais vibrantes ajudam a que, à tarde, mal se distinga Penela*¹. Completada a escola primária na terra que o viu nascer, prosseguiu estudos em Coimbra, onde frequentou, primeiro, o Seminário Maior, depois, o Colégio Progresso e, finalmente, a Universidade, onde concluiria, em 1950-1951, as licenciaturas em Ciências Matemáticas e Engenharia Geográfica. Pelo caminho, entre muitas outras actividades associativas, culturais e desportivas, foi presidente da Associação Académica de Coimbra e do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra.

Iniciou a sua actividade docente em 1953. Chegou a Guimarães em Outubro de 1957, para ocupar um lugar de professor de Matemática na então chamada Escola Industrial e Comercial de Guimarães, carregando consigo uma rica e multifacetada experiência de criação e dinamização cultural. Ainda nesse ano, deu início à sua colaboração, como encenador, no grupo de teatro do grupo musical Ritmo Louco, posteriormente reestruturado sob a designação de Teatro de Ensaio Raul Brandão. Em 1958, foi um dos fundadores do Cineclub de Guimarães. Em 1960, assumiu a presidência da

* Actual Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento e sucessor de Santos Simões

† J. Santos Simões, *Memórias da Vila do Espinhal*, Junta de Freguesia da Vila Espinhal, Guimarães, 2003, pp. 8-9.

Sociedade Musical de Guimarães. Entre 1961 e 1975, coordenou o suplemento cultural *Artes e Letras* do jornal Notícias de Guimarães.

Ao mesmo tempo, desenvolveu intensa acção política, organizada na oposição democrática do Distrito de Braga, que acarretaria a sua demissão da função pública, em 1961, e a prisão, em 1968. Apenas seria reintegrado na Escola Industrial e Comercial de Guimarães após o 25 de Abril de 1974. No período inicial da democracia portuguesa, foi proposto para Governador Civil do Distrito de Braga e Ministro da Educação. Em Fevereiro de 1975, tomou posse como membro da Comissão Instaladora da Universidade do Minho, de cujo Senado passará a fazer parte a partir de 1985.

No final da década de 1980, a Sociedade Martins Sarmiento atravessou uma grave crise directiva, de que resultaria a demissão da Direcção, no final da Primavera de 1990. Em Julho desse mesmo ano, em Assembleia Geral, foi eleita uma Comissão Administrativa e Eleitoral que integrava Alberto da Costa Guimarães, António Ribeiro Martins, Aurélio Fernando Pereira, Francisco Ramos Martins Fernandes e Joaquim António dos Santos Simões. Iniciava-se então um ciclo de profunda renovação da Sociedade Martins Sarmiento que teve como principal mentor Santos Simões. No dia 20 de Outubro daquele ano, realizaram-se eleições para a Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, para completar o triénio iniciado em 1989. Santos Simões assumiria as funções de Presidente, cargo a que se dedicaria, com todo o entusiasmo e a sua extraordinária capacidade de trabalho, até ao último dos seus dias, quase década e meia depois.

Por entre a imensidão dos problemas prementes que havia que resolver no dia-a-dia da Sociedade, que se prendiam, entre tantos outros, com a reorganização da Sociedade, dotando-a de novos estatutos e regulamento interno, com a conservação da sede, que exigia intervenções urgentes, com a situação em que estavam acondicionados, no sótão da sede, milhares de livros, entre os quais verdadeiros tesouros bibliográficos, com as destruições na Citânia de Briteiros que eram provocadas pelas realizações, naquele local, das festas de S. Romão, a acção da equipa liderada por Santos Simões fez com que a Sociedade Martins Sarmiento assumisse uma nova dinâmica cultural, desde logo com as comemorações dos centenários de Camilo Castelo Branco e de Mozart e dos 350 anos da Revolução do 1.º de Dezembro, com a preparação dos programas comemorativos dos 150 anos do nascimen-

to de Alberto Sampaio e do centenário do seu amigo Antero de Quental (organização que seria protagonizada por Hélio Osvaldo Alves, com o memorável ciclo de conferências “Pensar os pensadores”, realizado em 1991) e do centenário de Alberto Vieira Braga. Ao mesmo tempo, a Sociedade propunha-se recentrar a sua imagem na figura do seu patrono, Francisco Martins Sarmento, reformulando a festa escolar do 9 de Março.

A marcar simbolicamente esta intenção renovadora, em respeito pela história e pela tradição da Instituição, a Direcção mandou passar a bronze o busto do arqueólogo vimaranense esculpido em gesso em 1894 pelo Prof. Coelho Pinto, que foi colocado em posição de destaque na entrada na sede da Sociedade. No acto em que o monumento foi descerrado, Santos Simões deixou expresso o propósito de honrar e perpetuar a memória e a obra de Martins Sarmento:

O seu busto aqui fica no vigor da sua máscara viva a impor-nos que divulguemos, na sua justa dimensão e autenticidade científica, toda a Obra de um dos mais notáveis vultos da inteligentzia portuguesa da segunda metade do século XIX.

O objectivo de divulgar a obra de Francisco Martins Sarmento seria um dos fios condutores da actividade das direcções presididas por Santos Simões. Logo se deu início à leitura das suas obras inéditas, preparando-se a edição das obras completas de Sarmento, que começariam a ser lançada aquando do seu centenário, em 1999. O centésimo número da *Revista de Guimarães*, também ela renovada, foi inteiramente dedicado às diferentes facetas da obra de Sarmento. Logo na festa do 9 de Março de 1991, o livro distribuído aos alunos premiados seria uma edição dos *Contos Populares* recolhidos pelo arqueólogo, que então acabava de sair do prelo.

Quando, no dia 4 de Março de 1999, se iniciava, com a presença do Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, o programa de comemoração do primeiro centenário da morte de Francisco Martins Sarmento, Santos Simões, já minado pela doença, dava conta da sua inabalável confiança no futuro e de uma vontade férrea de contribuir para que o Mundo se movesse, ao descrever os projectos que a Sociedade tinha então, uns em curso, outros em sonho:

Iniciou-se há pouco mais de um mês uma intervenção na Citânia de Briteiros - a jóia das citânias portuguesas - que apesar de parcelar (o dinheiro não vai dar para tudo) evidencia como é possível dar em todo o seu esplendor esse recanto mágico que continua a guardar as Mouras encantadas que seduziram Sarmento. E também o Sabroso está a ficar liberto das giestas e mimosas que o mantiveram escondido durante anos. No enlace deste dois sítios fica o Solar da Ponte, a casa mãe de Sarmento, o refúgio de Camilo, agora arrancada à ruína em que aos poucos foi caindo, tudo isto por esforço único da Sociedade Martins Sarmento. No Solar da Ponte espera-se que seja instalado o Museu de Cultura Castreja, marco indispensável para ajudar à compreensão do que foi o viver, o sonhar e o amar dos primeiros povos que habitaram esta região. Para além destes esforços e preocupações há o dia a dia da vida intensa desta Sociedade, há uma actividade editorial constante agora marcada pelas publicações do Congresso e pelas obras Completas de Martins Sarmento de que vão sair, finalmente, os há muito esperados inéditos da Antiqua sobre Tradições Populares e Arqueologia.

Em Novembro desse ano de 1999, na homenagem com que o Conselho Cultural da Universidade do Minho demonstrou publicamente o seu reconhecimento pelos serviços que Santos Simões havia prestado à Universidade, desde a sua Fundação, deixou expressa a sua determinação em relação ao futuro:

Não sei se estas palavras seriam adequadas a um testamento ou a uma qualquer declaração de últimas vontades, mas a verdade é que ainda não estou a pensar em morrer, por uma simples razão: Tenho muito que fazer!

E fez. E fez com que se fizesse. Ao entrar para o século XXI, alguns dos projectos mais emblemáticos que foram traçados ao longo dos anos começaram a ver a luz.

Do legado da imensa obra cultural de Santos Simões à frente da Sociedade Martins Sarmento sobressaem três âncoras de amarração ao futuro.

A primeira foi lançada em Janeiro de 2002, quando, em reunião do Senado da Universidade do Minho, foi assinado um protocolo de colaboração entre a Universidade, a Sociedade Martins Sarmento e a Câmara Municipal de Guimarães, do qual nasceria a Casa de Sarmento - Centro de Estudos do Património, a primeira Unidade Cultural da Universidade do Minho em Gui-

marães, que ajudou a criar condições de sustentabilidade científica para a SMS, dando um notável impulso à modernização desta Instituição centenária, nomeadamente através da digitalização e disponibilização através da *Internet* de uma parte relevante dos seus tesouros bibliográficos, documentais e museológicos

A segunda âncora seria o Museu da Cultura Castreja, que franqueou as portas à fruição pública no dia 20 de Novembro de 2003, no Solar da Ponte, em S. Salvador de Briteiros, casa por onde passa a memória de Francisco Martins Sarmento e da história da Arqueologia portuguesa. Trata-se de um novo equipamento que engrandeceu a SMS, divulgando a obra do arqueólogo da Citânia de Briteiros e valorizando o conhecimento das nossas raízes mais remotas. Na Sessão Solene que, naquele dia, se realizou no Salão Nobre da Sociedade, Santos Simões falaria do projecto em que persistiu e que então via consumir-se:

A propósito desta festa cultural que hoje vivemos, pois de festa se trata, preferimos antes dizer que se trata da concretização de uma utopia. É que as utopias são horizontes longínquos bem definidos que aspiramos atingir, pesem embora as inúmeras dificuldades conscientemente conhecidas, tão conhecidas quanto os objectivos que pretendemos alcançar. E que seria de nós sem a utopia? Não estaríamos hoje a caminho das estrelas nem abraçaríamos a Terra em segundos. E tal como estes utópicos que ao longo de séculos concretizaram o que era um objectivo ansiado, também as gerações de homens comuns que dirigiram esta Sociedade sabiam que estavam num país em que poucos se preocuparam em procurar noutras paragens o pássaro azul onde habita a matriz cultural da nossa identidade, a cultura castreja, porque se assim fosse já a teriam descoberto neste noroeste peninsular. Foram gerações e gerações de homens gritando para ouvidos surdos, que lutaram pela afirmação desta cultura, uma das mais belas e significativas criações das gentes humildes e rudes, mas empreendedoras e criativas, que desde a pré-história viveram neste recanto da Galécia, que é o noroeste peninsular. Para aqui foram trazidos por ondas suaves que os depositaram nesta costa que se dilui no mar. Aqui chegaram numa crista de espuma, aqui se fixaram as gentes cuja origem Sarmento procurou desvendar, com o seu engenho e inteligência, e que passaram da pré-história para a proto-história com o explodir da cultura castreja. Esta, pese o seu aspecto geralmente despojado, principalmente na sua arquitectura urbana, evolui

através da simplicidade/eficácia na forjadura do ferro, na elegância na fundição de metais, no talhe doce da escultura, na delicadeza dos frisos ornamentais ou na criatividade e fina sensibilidade da sua ourivesaria. O trajecto da cerâmica, desde a Penha onde era modelada à mão na ausência da roda de oleiro para o Sabroso com a sua ornamentação incisa e depois para Briteiros, finamente trabalhada mas mais pobre, evidencia uma peregrina sedução pelas formas e pelos ornatos. A escultura, ora imponente pelas dimensões ora delicada nos frisos ornamentais, é simultaneamente um hino à beleza e um primor de técnica na forma como adoça a imponência forte do granito.

Santos Simões manteve-se no seu posto na Sociedade até ao último dos seus dias. Resistente, por natureza e por determinação intelectual, resistiu à morte enquanto lhe duraram as forças. No dia 23 de Junho de 2004, faltou, pela primeira vez, a uma reunião da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento. Faleceu nesse dia, não sem receber, uns dias antes, uma notícia que o deixaria profundamente tocado: a Escola Secundária da Veiga, que iria mudar para novas instalações, iria passar a chamar-se de Escola Secundária Santos Simões. Não lhe podiam fazer melhor homenagem, confidenciou então.

Já não assistiria à entrada em funcionamento da última das suas obras na Sociedade Martins Sarmiento, a nova Casa de Acolhimento da Citânia de Briteiros, a terceira âncora, que deixou praticamente pronta aquando da sua partida e que, transcorridos alguns meses, seria inaugurada, passando a oferecer magníficas condições de recepção aos visitantes e inserindo uma admirável marca de modernidade num património milenar, sem concorrer com ele.

A concretização deste projecto, que não chegou a ver concluído, foi o último grande combate de Santos Simões, afirmando-se como o testemunho do seu triunfo sobre a morte. O seu legado ficará perpetuado nas melhores páginas dos anais da Sociedade Martins Sarmiento.